

QUEM É O FILÓSOFO?

Quando os homens comuns dizem a alguém “Você é um filósofo”, normalmente querem expressar que se encontram diante de um ser curioso, um tanto fora do comum e, em todo caso, muito diferente deles. É claro que a expressão não tem nada de ofensivo, mas parece que, quando aplicada adequadamente ao outro, indica uma pessoa que não entende nada do que realmente conta na vida, mesmo que ele possa ter razão, inclusive contra as coisas sérias da vida. Mas no fim das contas, como diz Eric Weil na Introdução da sua *Logique de la Philosophie*, o homem comum está convencido de que “tudo aquilo que o filósofo diz tão bem talvez seja muito bom para o filósofo, mas não tem importância alguma na vida comum. ‘Você é um filósofo’ é um elogio que escarnece de seu destinatário”¹.

Foi, aproximadamente, desta maneira que Tales de Mileto passou para a história – não só da filosofia! –, com aquela anedota famosa relatada por Platão no *Teeteto*, a respeito do riso da escrava trácia ao ver o seu senhor cair numa poça de água por estar contemplando os céus (*Teeteto*). O leitor do número 27 da *Hypnos* encontrará na reflexão de Livio Rossetti, sobre as honras prestadas a Tales pela cidade de Atenas, uma ajuda para compreender o que se passou quando se começou a aplicar o alcunha filósofo a alguém. De fato, se alguns intelectuais de destaque, que ganharam fama de sábios a partir do século VI a.C. na Grécia, como Tales e Anaximandro, só começaram a ser hornados com o título de filósofo a partir de 345 a.C., como sugere Livio Rossetti, é porque o epíteto adquiriu um novo sentido, muito provavelmente em consequência da sua utilização nas obras de Platão e Aristóteles.

Também as reflexões de Alberto Bernabé, sobre Orfeu e a filosofia, assim como as de Gabriele Cornelli sobre a tipologia e a identidade da comunidade pitagórica incidem sobre a questão de saber quem é o filósofo. Com efeito, Alberto Bernabé procura entender as razões pelas quais uma série de testemunhos de autores gregos afirmavam, explícita ou implicitamente, que Orfeu foi um filósofo, e tratavam suas obras em contextos filosóficos. Gabriele

¹ E. Weil, *Logique de la Philosophie*, Paris, Vrin, ²1970, p. 14.

VI Cornelli procura identificar as singularidades da *koinonía*, que caracteriza o modo de vida dos que, segundo Aristóteles, eram chamados pitagóricos. Segundo uma antiga tradição, Pitágoras teria sido não só o inventor do termo filosofia, mas também o primeiro a se designar como filósofo. No entanto, as comunidades pitagóricas, seja pela prática comum de cultos e pela partilha de ritos e saberes místéricos, seja pelas características de privacidade e de segredo do seu modo de vida e da sua doutrina, muito contribuíram para a difusão daquela imagem do filósofo como um intelectual, que olha para as estrelas e não vê o que está debaixo de seus pés.

Como disse acima, muito provavelmente o novo sentido do epíteto “filósofo” está ligado ao seu uso na obra de Platão e de Aristóteles. No caso de Aristóteles, a reflexão de Helder Buenos Aires de Carvalho sobre a *phrónesis* aristotélica e a apropriação desse conceito pelas leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur, aponta nessa direção. De fato, a adequada compreensão da sabedora prática (*phrónesis*) na obra o Estagirita ilumina, por contraste, a sua compreensão da sapiência (*sophia*) que se ocupa em conhecer os princípios e as causas da realidade, o que parece caracterizar o filósofo a partir da data de corte sugerida por Livio Rossetti.

O presente número de *Hypnos* traz ainda, na reflexão de Néstor-Luis Cordero, uma consequência inesperada de uma reconstrução atual do *Poema de Parmênides*. Muitos intérpretes foram induzidos a interpretar de maneira dicotômica a doutrina do mestre de Eleia, como se ela comportasse uma parte de Verdade e outra de Opinião. Na contracorrente dessa leitura, Cordero propõe uma leitura unitária, desvinculando os testemunhos que tratam dos astros de qualquer suposta doutrina parmenidiana das *doxai*.

Magda Guadalupe dos Santos propõe uma leitura das passagens do livro V da *Repúblicas*, que tratam das três ondas, imagem com a qual Sócrates problematiza a opinião comum sobre a diferença de natureza entre homens e mulheres e avança na direção da ideia de uma natureza humana comum, que justifica um programa de educação único e a possibilidade de desempenhar as mesmas funções, inclusive de guardiões e governantes da cidade. Discorrendo sobre as duas primeiras ondas, a autora enfrenta do desafio de ler o texto de Platão nos moldes de uma estética da recepção, tomando a obra como potencial de efeitos, na qual princípios de isonomia, identidade e diferença se validam de forma paradoxal.

Três comunicações completam o presente número de *Hypnos*. A de Alexandre Sedlmayer De Santi, analisando o sentido do duplo em uma passagem do *Agamêmnon* de Ésquilo, busca as origens arcaicas do fenômeno do *eídon*, que será apropriado pelo pensamento filosófico nos termos de

imagem. A reflexão de Brian Gordon Lutalo Kibuuka toma a tragédia *Hécuba* de Eurípedes como pano de fundo para uma análise do tema da violência contra o inocente, em diálogo com os conceitos de mito, de sabedoria prática e de justiça, tais como foram assimilados na obra de Paul Ricoeur. A comunicação de Cristina de Azevedo reflete sobre o problema da individuação na Grécia antiga, partindo do mundo dos heróis cantado por Homero, para verificar se as ações heróicas constituem um testemunho do processo de individuação, que se tornaria elemento central no desenvolvimento da nossa tradição cultural.

Para voltar ao ponto por onde comecei, Eric Weil nos lembra que é curioso o fato de que os filósofos tendem a esquecer essa origem prosaica da filosofia como uma lembrança vergonhosa. É verdade que o homem da vida comum dá a entender ao filósofo que este o aborrece e que existem coisas mais urgentes por fazer, isto é, por *viver*, em vez de se preparar incessantemente para *ser*. Mas o filósofo deveria ver nessa declaração o reconhecimento de sua própria influência: sem ele, o homem que rejeita a filosofia jamais teria podido declarar o que acaba de dizer, porque estaria imerso em sua vida e essa vida não lhe seria visível. Para o filósofo, a questão não é somente se a filosofia está ou não fora do tempo e da história. Para ele, infinitamente mais grave é o fato de a filosofia não ser a única possibilidade para qualquer um, homem ou mulher. O ser humano *pode* tornar-se filósofo, já que se pode tranquilamente concluir da existência à possibilidade; mas o mesmo princípio prova igualmente que ele *pode* não se tornar filósofo. E como o filósofo o ensinou a falar racionalmente, o homem da vida comum, aquele que não quer se tornar filósofo, é perfeitamente capaz de cuidar com *razoabilidade* de seus casos, que não são os da filosofia.

Se isto é assim, a estranheza risível inaugurada por Tales continua dando o que falar e o que pensar. Quem quer que seja o filósofo, o que lhe importa desde sempre foi traduzido de maneira excelente pelo adágio da sabedoria das nações: *Nec ridere nec lugere res humanas fas est, sed intelligere*. Para o homem comum pode parecer pouco, mas a realidade compreendida não é mais a mesma de antes da compreensão.

Marcelo Perine

<Conselho editorial da Hypnos – PUC-SP>

